

Comemorações do Centenário da Mendes Godinho fechou com chave de ouro

A Associação MG - Memorial Mendes Godinho encerrou no passado dia 5 de maio, com chave de ouro, as comemorações do centenário do grupo Mendes Godinho.

Segundo Carlos Godinho da referida associação, era imperativo publicar uma obra que reunisse os principais momentos desta empresa, que laborou durante largas décadas.

Há um ano, a Associação deu o pontapé de saída nas comemorações com várias atividades, entre as quais uma homenagem ao fundador e uma exposição do espólio, que está à guarda desta associação.

A finalizar as comemorações, precisamente, no mês de maio, foi lançado o livro da autoria de Leonel Vicente, sobre a história empresarial deste grupo, que assentava numa família.

Na cerimónia de lançamento esteve presente o último presidente do conselho de administração do grupo, Queiroz e Melo, que deu o seu testemunho sobre esta empresa, contando alguns exemplos, de momentos difíceis, como aquele em que numa das empresas os trabalhadores só recebiam ao fim de 44 dias de trabalho. Mas nunca mostraram qualquer revolta

com as dificuldades do momento. Também focou a proximidade da família com os próprios trabalhadores do grupo. Aliás a Comissão de Trabalhadores, era a primeira a defender o grupo e a família. Havia assim um espírito familiar que se estendia ao ambiente fabril.

Sobre a obra e o grupo Mendes Godinho, o autor do prefácio, presente nesta cerimónia, jornalista do Expresso, acompanhou durante vários anos as vicissitudes deste grupo, as suas conquistas e derrotas na luta que travaram com o Governo Português para reaver as empresas, que por arrasto da Casa Manuel Mendes Godinho e Filho foram nacionalizadas aquando do 25 de Abril.

Esta obra fica para a história, como um testemunho vivo de um grupo que teve uma ligação muito forte a Tomar, aqui teve as suas raízes, aqui cresceu e «saltou» para o plano nacional até à sua morte. Muitos tomarenses cresceram e trabalharam na Mendes Godinho, representando ainda um hoje para muitos, uma parte importante das suas vidas.

De referir que, a obra se encontra à venda na Livraria A Nova (para o público em geral), podendo os sócios da Associação adquiri-la na sede da Associação. Pela importância da obra, transcrevemos parte do Prefácio da autoria de Luís Marques.

Prefácio

Fui jornalista do semanário "Expresso", onde ainda escrevo



Luís Marques, Leonel Vicente (autor da obra) e Queiroz e Melo

como colunista no caderno de Economia, desde o início dos anos 80 até 1992, quando saí para a SIC, que pertencia e pertence ao mesmo grupo de media. Foi em meados dessa década que, na minha condição de repórter, comecei a acompanhar o "caso Mendes Godinho", como se lhe referiu João Mendes Godinho Júnior numa invocação dos 70 anos do aniversário da Ma-

nuel Mendes Godinho & Filhos, em maio de 1987.

Por essa altura a Mendes Godinho ainda não era um "caso" mediático. O que se passava na empresa, o conflito entre a família e o Estado, estava fora da agenda dos jornais e dos holofotes das televisões, tanto mais que só havia uma e era do Estado. Foi um amigo que era também aquilo que na gíria

jornalística chamamos "fonte", que me chamou a atenção para esta notícia ainda desconhecida.

Felizmente esse amigo era também amigo de Manuel Macedo, membro da família e antigo presidente do grupo Mendes Godinho. Organizado um encontro foi pela mão de Manuel Macedo que mergulhei numa história extraordinária que segui de muito perto durante vários anos,



Familiares, antigos trabalhadores, sócios e amigos participaram no lançamento do livro



como se pode constatar, aliás, nas páginas deste livro. Por essa altura, quando me iniciei, a família Mendes Godinho ainda lutava nos tribunais por reaver o controlo do grupo, o que viria a acontecer mais tarde, a 10 de maio de 1986.

Confesso, com muito gosto, que segui este “caso” com um misto de interesse jornalístico e emoção pessoal. Sem que a emoção me toldasse o rigor profissional a que estava obrigado, a verdade é que desde o início senti uma profunda simpatia pela história desta família e pela luta que travava. A essa simpatia não era estranha a sua proximidade com alguns aspetos da história da minha própria família.

Desde logo pela geografia. O pai do fundador do grupo, Albano Mendes, era da zona da Ansião, conselho de onde é originário o lado paterno da minha família. Ainda hoje lá vivem alguns familiares meus e eu próprio tenho casa perto, junto ao rio Nabão, mas na margem poente, já no concelho de Pombal. Este rio, que nasce em Ansião e embeleza Tomar, na realidade são dois. Só ganha caudal permanente a partir da nascente do Agroal, já perto de Tomar, e corre quando chove muito até lá. O que significa que, nesta parte, o Nabão está seco na maior parte do ano.

Depois pelos negócios. No caso o das farinhas e moagem, uma das atividades a que se dedica-

vam os fundadores da família Mendes Godinho. Tal como o meu avô, que era também, à sua maneira, um visionário. Foi exatamente essa sua particularidade que, ao contrário dos Mendes Godinho, o deitou a perder, quando decidiu passar dos moinhos para uma moagem industrial, que o levou à falência. Ainda me lembro bem da excitação com que eu e os meus primos, ainda miúdos, acompanhámos a instalação e laboração desse ruinoso investimento.

Por tudo isto o leitor pode compreender como, para mim, seguir o “caso Mendes Godinho” era, não só um dever profissional, mas também um desfiar de memórias pessoais, reforçadas à medida que fui conhecendo os meandros da história da família, dos conflitos que vivia e os respetivos protagonistas. Membros da família e não só. Desde o início destes contactos impressionou-me muito o compromisso de todos com a causa comum, aliado a uma simplicidade e amabilidade de trato com a qual me identificava e raras de encontrar noutros meios empresariais que bem conhecia.

Desses contactos pessoais recordo com muita saudade, em especial, aqueles que tive com João Mendes Godinho Júnior, responsável pela segunda vaga de desenvolvimento e crescimento do grupo, na pegada do seu avô, Manuel Mendes Godinho. As suas qualidades como

empresário estão bem documentadas neste livro. Todos os adjetivos utilizados são merecidos. Era, a todos os títulos, um homem excepcional, profundamente focado em fazer a ponte entre a riquíssima herança familiar e o futuro, projetando o grupo para o restrito clube das grandes empresas portuguesas. Nesta perspetiva era, de fato, um homem à frente do seu tempo, como são os grandes líderes.

Era também um homem singular. Impressionava pela inteligência, não pela banalidade, impunha-se naturalmente pela simplicidade, não pela ostentação. Era um caso raro nessa singularidade. Recordo que um dia fomos jantar, com Manuel Macedo, a um conhecido restaurante de Lisboa e não pude deixar de notar algum incómodo que transmitiu por estar num espaço normalmente frequentado por outro tipo de gente. Era, neste sentido, uma pessoa austera, alguém que se sentia melhor entre os “seus”, com a parcimónia e frugalidade próprias das pessoas simples.

E esses eram, para além da família, os empregados e operários das várias empresas e fábricas do grupo. Passeando de carro com ele entre a cerâmica e a Platex, em Tomar, fui-me identificando os moradores das casas pelas quais íamos passando, aqui mora fulano, ali sicrano, pessoas a quem garantia sustento e habitação, facto de que falava com orgulho e não disfarçada emoção. Era um homem da sua terra, profundamente humano, naquilo que este sentimento representa de respeito pelos outros, um valor em

que o bem comum é, enquanto tal, o oposto, a todos os títulos, do egoísmo individual ou de grupo. (...) Transformar uma sociedade cujo capital inicial era um burro num dos maiores grupos nacionais e num dos grandes exportadores portugueses, não é coisa menor ou despreciada. É uma obra de gigantes que garantiu a subsistência, direta e indiretamente, a milhares de pessoas, que lhes mudou a vida para melhor, que forjou um ecossistema económico e social que abriu novos horizontes a todos os que nele se integraram e beneficiaram. Devemos ter admiração e respeito pelos homens que conseguem, a partir do nada, mudar os outros, mudando-se a si próprios. São personalidades raras e muitas vezes únicas.

Esse respeito e admiração devem ser reforçados quando o padrão de comportamento resiste à dimensão, quando o sucesso é imune ao deslumbramento, quando o poder não prejudica a simplicidade. As empresas Mendes Godinho tornaram-se num grupo nacional sem nunca perderem a sua raiz local, o seu compromisso com a comunidade que as viu nascer e prosperar. João Mendes Godinho Júnior, regresso a ele, era a personificação dessa qualidade, que consiste em manter inalterados os princípios e os hábitos independentemente da forma como os outros nos vêm ou querem ver. Só pessoas com uma enorme firmeza de caracte-

ter e de elevada estatura moral e cívica conseguem resistir ao apelo das facilidades que o poder, seja ele político ou económico, dá acesso. Essa é uma marca e um padrão de comportamento que constitui, a par de tudo o resto, um dos grandes legados desta epopeia familiar.

Este livro comemora os 100 anos passados sobre o nascimento da Manuel Mendes Godinho & Filhos, em 1917. A empresa já não existe. “Erros meus, má fortuna”. A sua história, no entanto, ficará para sempre. Está escrita nas “pedras que falam”, ou seja, no património físico que será o seu testemunho perene, está presente na memória de todos aqueles que direta e indiretamente nela participaram e ainda participam e está agora impressa neste livro. Desta história é todo esse legado que interessa sublinhar e transmitir. É aí que devemos aprender. Tudo o resto faz parte do “tempo que passa”.

É com muito orgulho que dou o meu testemunho modesto sobre a minha participação nesta história. Foi com muita satisfação que recebi o convite de Manuel Mourão para escrever este prefácio e foi com muito prazer que o escrevi. Agradeço-lhe a oportunidade que me deu de desfiar estas memórias. Agradecimento que estendo ao autor do livro, Leonel Vicente, a quem dou os parabéns pelo excelente trabalho. Este livro merece ser lido e ficar nas estantes ao lado dos livros das nossas vidas”



Sessão de autógrafos+